



As faces da violência no jornalismo literário brasileiro: um estudo sobre *Meu casaco de general*

Laísa Veroneze Bisol^{1,2*}, Xosé Antonio Neira Cruz¹ e Lizandro Carlos Calegari²

¹Universidade de Santiago de Compostela, Praça do Obradoiro, 15705, Santiago de Compostela, A Coruña, Espanha. ²Colégio Politécnico, Universidade Federal de Santa Maria, Av. Roraim, 1000, prédio 70, sala A9, Camobi, 97105-900, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: laisabisol1@gmail.com

RESUMO. Este artigo investiga a representação da violência no jornalismo literário brasileiro na contemporaneidade. Os objetos de estudo são os romances-reportagens que foram destaque, em sua categoria, no Prêmio Jabuti, uma condecoração da literatura brasileira, considerada uma das maiores da América. O objetivo é compreender, de maneira contextualizada, de que modo a violência é representada por meio dessas narrativas e, a partir disso, observar como o jornalismo literário brasileiro contribui para o debate e a promoção da reflexão social acerca do tema. Para tanto, realiza-se, inicialmente, um mapeamento das obras, com o intuito de verificar quais os temas predominantes, os tipos de violência e os tipos de dominação que aparecem nas narrativas, a fim de iniciar um entendimento a respeito das relações de poder e do modo como a violência é representada no jornalismo literário brasileiro. Após essa fase de compreensão, é desenvolvida a análise da obra *Meu casaco de general*, do autor Luiz Eduardo Soares, uma das primeiras premiadas no período estudado. O romance-reportagem retrata a violência, especialmente no âmbito das relações entre traficantes e policiais, no espaço do Rio de Janeiro, mas direcionando a uma compreensão de todo o contexto brasileiro. Os resultados indicam que os romances-reportagens condecorados, no período analisado, apresentam diversas faces da violência, já que representam como os sujeitos são acometidos pela crueldade, além de promoverem senso de empatia com relação às vítimas. Também se observa a forte vinculação entre a violência e as relações de poder que permeiam o país. A obra estudada revela problemáticas sociais como a vulnerabilidade diante das relações de poder, a falta de ética e a corrupção, temas que conduzem o leitor a entender e questionar o sistema de combate à violência no Brasil.

Palavras-chave: romance-reportagem; violência; vítimas; relações de poder; Brasil.

The faces of violence in Brazilian literary journalism: a study about *Meu casaco de general*

ABSTRACT. This article investigates the representation of violence in Brazilian literary journalism in contemporary times. The objects of study are the report-novels that were featured in their category at the Jabuti Prize, a decoration of Brazilian literature, considered one of the largest in America. The objective is to understand, in a contextualized way, how violence is represented through these narratives and observe how Brazilian literary journalism contributes to the debate and the promotion of social reflection on the subject. To this end, a mapping of the works is initially carried out, in order to verify predominant themes, types of violence and types of domination that appear in the narratives, in order to start an understanding about the relations of power and the way violence is represented in Brazilian literary journalism. After this phase of comprehension, the analysis of the work *Meu casaco de general*, by the author Luiz Eduardo Soares, one of the first prizes in the studied period is developed. The novel-report portrays violence especially in the context of relations between traffickers and police in the Rio de Janeiro space, but directing to an understanding of the entire Brazilian context. The results indicate that the decorated novels-reports, in the analyzed period, present several faces of the violence, since they represent how the subjects are affected by the cruelty, besides promoting a sense of empathy with the victims. There is also a strong link between the violence and the power relations that permeate the country. The work studied reveals social problems such as vulnerability to power relations, lack of ethics and corruption, themes that lead the reader to understand and question the system to combat violence in Brazil.

Keywords: novel-report; violence; victims; power relations; Brazil.

Introdução

A violência está presente de diversas maneiras no meio social. Slavoj Žižek (2014, p. 17) elucida essa ideia ao mencionar que “[...] os sinais mais evidentes da violência que nos vêm à mente são atos de crime e terror, confrontos civis, conflitos internacionais [...]”, mas é necessário que estejamos atentos para além da violência visível, exercida por agentes identificáveis. Segundo o autor, devemos ser “[...] capazes de perceber os contornos dos cenários que engendram essas explosões. Um passo para trás nos permite identificar uma violência que subjaz aos nossos próprios esforços que visam a combater a violência e a promover a tolerância” (Žižek, 2014, p. 17). Partindo dessas ideias, é preciso considerar todo o contexto violento que permeia o campo social.

Tendo essas ideias como ponto de partida, propõe-se, a partir desta pesquisa, compreender de que forma as relações de poder estão envolvidas em episódios violentos descritos em romances-reportagens brasileiros na contemporaneidade e, a partir disso, compreender de que maneira o jornalismo literário realiza sua contribuição social na difusão desses temas. Para isso, é apresentado um mapeamento das obras condecoradas com o Prêmio Jabuti (2018) no período de 2000 a 2017.

A ideia de selecionar o *corpus* de estudo por meio das obras premiadas no Jabuti, na categoria ‘Reportagem’, está atrelada ao fato de esse ser considerado o maior prêmio literário brasileiro e um dos maiores da América. Entre os três primeiros colocados de cada ano, a partir de 2000, foi selecionada a obra que remetia diretamente à representação da violência, sendo que, em todas as edições da premiação, pelo menos um dos três condecorados abrangia essa temática. Tratam-se, portanto, das obras: *Estação Carandiru* (1999), de Dráuzio Varella; *A família Canuto e a luta camponesa na Amazônia* (1999), de Carlos Cartaxo; *Meu casaco de general* (2000), de Luiz Eduardo Soares; *Eny e o grande bordel brasileiro* (2002), de Lucius de Mello; *Abusado* (2003), de Caco Barcellos; *Viúvas da terra* (2004), de Klester Cavalcanti; *Operação Araguaia: arquivos secretos da guerrilha* (2005), de Taís Morais e Eumano Silva; *O nome da morte* (2006), de Klester Cavalcanti; *O massacre* (2007), de Eric Nepomuceno; *Operação Condor: o sequestro dos uruguaios: uma reportagem dos tempos da ditadura* (2008), de Luiz Cláudio Cunha; *Conversas de cafetinas* (2009), de Sérgio Maggio; *Assalto ao poder: o crime organizado* (2010), de Carlos Amorim; *O espetáculo mais triste da Terra* (2011), de Mauro Ventura; *As duas guerras de Vlado Herzog: da perseguição nazista na Europa à morte sob tortura no Brasil* (2012), de Audálio Dantas; *Holocausto brasileiro* (2013), de Daniela Arbex; *A casa da vovó: uma biografia do Doi-Codi (1969-1991), o centro de sequestro, tortura e morte da Ditadura Militar* (2014), de Marcelo Godoy; *Cova 312* (2015), de Daniela Arbex; *Nazistas entre nós: a trajetória dos oficiais de Hitler depois da guerra* (2016), de Marcos Guterman, sempre premiadas um ano após o lançamento.

Com a identificação das obras, são desenvolvidas categorias de análise e interpretação a fim de compreender, especialmente, quais as principais histórias contadas por meio dos romances-reportagens e quais os tipos de violência e relações de dominação são apresentados. Com o intuito de verificar mais detalhadamente essas questões, analisa-se, neste artigo, a obra *Meu casaco de general* (2000), de Luiz Eduardo Soares, que retrata a violência especialmente no âmbito das relações entre traficantes e policiais e revela outras questões importantes como os arrolamentos entre a pobreza e a vulnerabilidade social com a violência.

Por se tratarem de obras premiadas, é possível inferir que são produções de destaque, avaliadas por pareceristas com conhecimentos específicos, que, diante de alguns critérios, entenderam as obras mais adequadas a uma proposta de destaque diante de outras que concorreram na mesma competição. Os resultados permitirão perceber de que modo o jornalismo literário brasileiro contribui para o debate e a promoção da reflexão social acerca dessa temática, tendo em vista que o referido país é historicamente marcado por episódios violentos.

Violência e poder

Seja física, simbólica, institucionalizada ou não, a violência assume um papel junto à humanidade. A brutalidade que espanta ou que, por ser tão explícita e recorrente, causa passividade, é explicada por Jaime Ginzburg (2013) como parte da construção histórica, causada por seres humanos e suas motivações, embora o crítico afirme não haver justificativa para atos violentos. Segundo ele (Ginzburg, 2013, p. 9), “[...] a

história do Brasil é constituída de modos violentos, desde a colonização, a escravidão, passando pelas ditaduras até o presente [...]”, ou seja, trata-se de uma violência enraizada na estrutura social.

Hannah Arendt (1985, p. 6) afirma que “[...] ninguém que se dedique à meditação sobre a história e a política consegue se manter ignorante do enorme papel que a violência desempenhou sempre nas atividades humanas [...]” e que surpreende que tão raro a violência tenha se tornado objeto de consideração. Nesse sentido, os autores Aguinaldo de Bastos, Alexandre Marques Cabral e Jonas Rezende explicam que a violência não é fruto da animalidade, mas da própria racionalidade humana. Isso porque não existe genocídio nem prazer de destruição entre animais: quando um animal mata o outro, é com o intuito de alimentar-se e não de ver o outro sofrer. “É que no homem tudo o que ele é e faz, sente e pensa, compreende e experimenta já é marcado pela sua humanidade. É como humano que o homem é violento” (Bastos, Cabral, & Rezende, 2010, p. 113). Os pesquisadores, entre outras justificativas, destacam que a história da humanidade caminha em conjunto com a história da crueldade, já que sofrer e fazer sofrer é parte estruturadora do processo histórico do ocidente. Ressaltam, ainda, que os seres humanos são vítimas, mas também são culpados pela perpetuação dessa lógica estruturadora violenta. Citando Freud (1974 apud Bastos et al., 2010), os autores afirmam a tendência pessimista de pensar a impossibilidade de abolir a experiência violenta na existência humana, pois ela é constitutiva da vida. Visto isso, o maior desafio seria, então, reposicioná-la. Conforme esse entendimento (Bastos et al., 2010, p. 50), “[...] desejos ou interesses divergentes são o pressuposto necessário para que a violência seja o recurso necessário para equacionar o conflito gerado [...]”, ou seja, atos de crueldade continuam sendo justificados em razão de interesses que, na maioria das vezes, perpassam por relações de dominação, que será mencionada posteriormente.

A violência, nessa esteira, se relaciona ao excesso de razão e não da falta dela, considerando que quem comete atos de crueldade considera ter um entendimento superior ao do outro. Conforme Bastos et al. (2010, p. 32), “[...] violência é violação [...]”, e violar significa “[...] tornar o outro digno de ser obstruído ou aniquilá-lo [...]”, sendo que “[...] toda a violência é um tipo de relação em que o outro aparece como digno de ser oprimido, aniquilado ou rebaixado [...]”, e “[...] isso nunca acontece sem razão [...]”. Portanto, na perspectiva daquele que comete atos de crueldade, eles estão justificados.

Bastos et al. (2010) elucidam, citando as ideias de Erich Fromm (1967 apud Bastos et al., 2010), as motivações inconscientes de diferentes tipos de violências, excetuando aquelas de cunho patológico. O primeiro tipo refere-se à ‘violência recreativa’, em que não há motivação por ódio e que só há morte, se acontecer algo fora do planejado. Ainda que haja algum desejo inconsciente por destruição, a motivação, aqui, refere-se à exposição de habilidades, portanto, esse primeiro tipo de violência refere-se, por exemplo, a jogos, como os realizados por tribos primitivas. O segundo tipo mencionado pelos autores trata-se da ‘violência reativa’, que teria como intuito defender a vida, a liberdade, a dignidade ou a propriedade, tendo como objetivo preservar e não destruir. A terceira forma seria a ‘violência vingativa’; nesse aspecto, os autores retomam a ideia de Fromm que a caracteriza com a finalidade de, de forma mágica, desfazer outro ato violento. Trata-se de uma tentativa de retribuir em igual medida um sofrimento, através de punição. Os estudiosos expõem também o quarto tipo, a ‘violência compensatória’, em que, para compensar uma impotência diante do mundo ou de alguns aspectos, os indivíduos desenvolvem comportamentos violentos, não com o objetivo de fazer sofrer, mas de exercer domínio sobre o outro. Por fim, a quinta forma apresentada é a ‘sede de sangue’, mais comum nas sociedades primitivas, mas que atribui ao sujeito agressor a sensação de vida e fortaleza diante de outros. Seriam ações de crueldade não por amor à destruição, mas como afirmação de si mesmo.

A esses tipos de violência mencionados, acrescenta-se ainda um sexto, que, em nosso entendimento, seria a ‘violência por circunstância’. Considerando especialmente aqui o contexto social e cultural brasileiro – uma vez que os autores também afirmam que a condição da violência pode ser interpretada diferentemente dependendo da cultura a qual se insere –, é possível observar que há uma violência quase que naturalizada, que faz parte do meio. Entre outros exemplos, é possível mencionar a questão do patriarcado, em uma sociedade que ainda comete muita violência contra as mulheres; ou o tráfico de drogas e armas, que, por vezes, insere pessoas da família no mundo do crime. De modo semelhante, a condição social que leva alguns indivíduos a desenvolverem um estilo de vida violento insere também seus pares nesse mesmo cenário. Outro exemplo seria a produção de ações de crueldade porque assim foi constituído, como pessoas que foram treinadas para agir com violência diante de determinadas situações. A violência, a partir dessa concepção, possuiria como objetivo a manutenção de um *status quo*, ainda que nem sempre de forma consciente.

Para além desses seis tipos de violência, que podem estar vinculados ao nível das motivações inconscientes, também existe aquela realizada de forma intencional, ou seja, o indivíduo está conscientemente motivado a agir de modo violento.

Ainda na ideia de categorizar a violência, algumas das formas são citadas por Ginzburg (2013), que as expõe como sendo simbólicas, psicológicas, por intimidação, humilhação, remetendo, ainda, à desumanização e à hostilidade: “[...] trata-se de uma palavra que é chamada para falar frequentemente de situações difíceis de descrever, de extremo horror, de níveis de sofrimento que não deveriam existir” (Ginzburg, 2013, p. 10), mas que acabam se tornando comuns entre os indivíduos.

Em 2013, ao debater a violência na literatura, Ginzburg esclareceu que, embora cite esse tipo de narrativa como exemplo, outros gêneros textuais também podem ser discutidos à luz da mesma reflexão, como é o caso da narração jornalística. Embora o pacifismo esteja “[...] em descrédito na atualidade [...]”, conforme cita o autor (Ginzburg, 2013, p. 8), a presença da violência nas narrativas pode vir a atuar com uma perspectiva humanizadora, ainda que nem sempre o faça.

Compreende-se que, ao unir o jornalismo, com seu cunho informativo, e a literatura, com todo o seu aporte linguístico e humanizador, seja possível proporcionar ao leitor novas formas de visualização de determinados acontecimentos, ao passo que o autor tem a possibilidade de escolher qual é a maneira que deverá abordar os fatos, suscitando, em maior ou menor medida, o senso crítico, e perpassando valores a partir dos quais se torna possível fazer surgir uma nova perspectiva em torno das situações de crueldade.

A partir do entendimento acerca da temática da violência exposto até aqui, propõe-se a ideia de que as relações de violência estão estreitamente interligadas com a questão da dominação. Isso porque um ato de crueldade pressupõe um sujeito que o comete e outro acometido por ele, ou seja, há um lado que se sobrepõe em detrimento de outro. A fim de elucidar essa questão, cabe citar a perspectiva do filósofo Michel Foucault, que concebe uma vasta reflexão a respeito das relações de poder, de dominação e, a partir disso, também da violência.

Foucault (2012), acredita que o poder está presente em todas as relações e atividades cotidianas. A violência, desse modo, não estaria atrelada a uma relação simplesmente de poder, mas, sim, de dominação. Isso porque, para Foucault (2002), as relações de poder só acontecem quando os indivíduos são livres, ou seja, quando ainda há a possibilidade de resistência. Todavia, se um dos lados estiver totalmente à disposição do outro, como se fosse um objeto para que seja exercida uma violência ilimitada, o que ocorre não é uma relação de poder, mas de dominação. Tendo isso em vista, a concepção de violência se dá pela negação total do outro.

A partir da leitura de Foucault, é possível chegar ao entendimento de que os indivíduos se constituem a partir das relações de poder, entendendo aqui que, atreladas a essas, podem estar as relações de dominação. Compreende-se, dessa maneira, que atores sociais são formados a partir de suas constituições familiares, culturais, geográficas, ideológicas e, também, conforme as situações em que se colocam ou que são postas, pelos mais diversos motivos, sejam eles atrelados à própria questão cultural, ou étnica, ou de condição econômica, de classe, de cor, de orientação sexual, e de tantas outras possibilidades que diferenciam os seres humanos e, por isso mesmo, podem ser excludentes.

Nessa linha, Thompson (2014), ao discutir a questão social no âmbito da comunicação, afirma que um conjunto de circunstâncias conferem aos indivíduos diferentes oportunidades e inclinações e, citando Pierre Bourdieu (1984 apud Thompson, 2014), ele as nomeia como ‘campos de interação’ em que os indivíduos se situam em diversas posições, conforme a quantidade e o tipo de recursos disponíveis a cada um. Para explanar sobre as diferentes formas de atuação desse poder, Thompson realiza uma pesquisa em diversos autores, entre os quais Michael Mann (1986 apud Thompson, 2014), e, aliando à sua própria perspectiva em torno do tema, distingue quatro principais tipos de poder, sendo eles o econômico, o político, o coercitivo e o simbólico. O econômico diz respeito a recursos materiais e financeiros, ou seja, de acordo com o que um indivíduo ou uma empresa consegue acumular, se estabelece seu posicionamento, aumentando o poder econômico. Já o político diz respeito ao recurso da autoridade derivado de atividades de coordenação de pessoas e regulamentações de padrões. “Todos os estados ou instituições paraestatais são essencialmente sistemas de autoridade. Implicam um complexo sistema de regras e procedimentos que autorizam certos indivíduos a agirem de determinadas maneiras” (Thompson, 2014, p. 40). O poder coercitivo, por outro lado, possui como recurso a força física e armada – e, por isso, algumas vezes, liga-se ao político. Trata-se de uma forma de poder que se relaciona a instituições militares, por exemplo. O poder simbólico, para Thompson (2014, p. 42), diz respeito a recursos de informação e comunicação, ou seja, está atrelado a instituições

culturais como igrejas, escolas, universidades, mídia, entre outras: “[...] na produção de formas simbólicas, os indivíduos se servem destas e de outras fontes para realizar ações que possam intervir no curso dos acontecimentos com consequências as mais diversas”. Junto dessas, o pesquisador destaca que o poder simbólico pode provocar reações, liderar respostas e decisões, induzir a crenças, apoiar processos, etc.

Embora os quatro poderes expostos sejam institucionalizados, ou seja, exercidos por grupos ou por organizações reconhecidas, compreende-se que eles podem ser aplicáveis também de outra maneira quando consideradas as relações de dominação e, mais especialmente, se forem propostos no âmbito da violência. Ao retomar a ideia de Foucault quanto às guerras cotidianas e também quanto aos poderes exercidos entre indivíduos comuns, é possível supor que esses quatro poderes se aplicam para além do âmbito institucionalizado. Ou seja, a força econômica, política, coercitiva ou simbólica, enquanto meio de dominação, também pode ser empregada sem essa mediação institucional e se fazer presente entre sujeitos.

Mapear as obras de jornalismo literário que foram destaque a partir de 2000 perpassa pelas questões expostas uma vez que, por meio desta pesquisa, é possível compreender algumas das motivações para tais relatos, mas, sobretudo, de que forma a violência está representada nas produções.

A violência no romance-reportagem brasileiro

A partir da leitura crítica dos romances-reportagens premiados no Jabuti, foi possível identificar a predominância da violência e das relações de dominação nesse gênero, resultado apresentado a seguir. A identificação desses premiados é exposta na Tabela 1.

Tabela 1. Identificação das obras.

Ano de premiação	Romance-reportagem	Prêmio	Autoria
2000	<i>Estação Carandiru</i>	1º lugar	Dráuzio Varella
2001	<i>A família Canuto e a luta camponesa na Amazônia</i>	1º lugar	Carlos Cartaxo
2002	<i>Meu casaco de general</i>	Sem colocação ¹	Luiz Eduardo Soares
2003	<i>Eny e o grande bordel brasileiro</i>	Sem colocação	Lucius de Mello
2004	<i>Abusado</i>	1º lugar	Caco Barcellos
2005	<i>Viúvas da terra</i>	1º lugar	Klester Cavalcanti
2006	<i>Operação Araguaia: arquivos secretos da guerrilha</i>	1º lugar	Taís Morais e Eumano Silva
2007	<i>O nome da morte</i>	2º lugar	Klester Cavalcanti
2008	<i>O massacre</i>	2º lugar	Eric Nepomuceno
2009	<i>O sequestro dos uruguaios: uma reportagem dos tempos da ditadura</i>	2º lugar	Luiz Cláudio Cunha
2010	<i>Conversas de cafetinas</i>	3º lugar	Sérgio Maggio
2011	<i>Assalto ao poder: o crime organizado</i>	2º lugar	Carlos Amorim
2012	<i>O espetáculo mais triste da Terra</i>	3º lugar	Mauro Ventura
2013	<i>As duas guerras de Vlado Herzog: da perseguição nazista na Europa à morte sob tortura no Brasil</i>	1º lugar	Audálio Dantas
2014	<i>Holocausto brasileiro</i>	2º lugar	Daniela Arbex
2015	<i>A casa da vovó: uma biografia do Doi-Codi (1969-1991), o Centro de Sequestro, Tortura e Morte da Ditadura Militar</i>	1º lugar	Marcelo Godoy
2016	<i>Cova 312</i>	1º lugar	Daniela Arbex
2017	<i>Nazistas entre nós: a trajetória dos oficiais de Hitler depois da guerra</i>	2º lugar	Marcos Guterman

Fonte: Os autores.

Verifica-se que, em todas as edições do prêmio Jabuti deste período, existem obras que remetem à violência. Isso quer dizer que o jornalismo literário, de um modo geral, está abordando essa temática em suas narrativas. Compreende-se que se trata de um recorte, ou seja, estão contempladas obras premiadas, dentro de um vasto número de publicações que são lançadas anualmente.

Sabendo que a temática da violência é recorrente nos romances-reportagens da contemporaneidade, surgem as questões: Qual tipo de violência é explorado através dessas narrativas? Quais relações de dominação aparecem? Os resultados permitirão perceber de que modo o jornalismo literário brasileiro contribui para o debate e a promoção da reflexão social.

¹ Em 2002 e em 2003, a premiação do Jabuti na categoria 'Reportagem' apresenta os três vencedores sem especificar a ordem de colocação de cada um.

Tabela 2. A obra.

Obra	Tema central	Tipo(s) de violência	Tipo(s) de dominação
2000	Situação no Carandiru, o maior presídio do Brasil	Física; psicológica; vingativa; compensatória; por circunstância	Coercitiva
2001	Crimes contra trabalhadores rurais	Física; psicológica; vingativa; intencional	Econômica; coercitiva; política
2002	Criminalidade e insegurança no Rio de Janeiro	Física; psicológica; vingativa; reativa; compensatória; por circunstância	Econômica; coercitiva; política; simbólica
2003	Vida de uma cafetina e profissionais do sexo	Psicológica; recreativa	Econômica; simbólica
2004	Violência, crime organizado e tráfico	Física; psicológica; reativa; vingativa; compensatória, por circunstância; intencional	Econômica; coercitiva; política
2005	Conflitos e violência no contexto agrário	Física; psicológica; intencional	Econômica; coercitiva; política; simbólica
2006	História da guerrilha do Araguaia	Física; reativa; vingativa; intencional	Coercitiva; política
2007	Vida de um matador profissional	Física; intencional	Coercitiva
2008	Massacre de Carajás	Física; psicológica; intencional	Coercitiva; política
2009	Sequestro de ativistas uruguaios no Brasil	Física; psicológica; vingativa; intencional	Coercitiva; política
2010	História de mulheres que comandavam bordéis	Predominantemente psicológica; física; por circunstância	Econômica; simbólica
2011	Investigação sobre o crime organizado e expansão das facções criminosas	Física; compensatória; por circunstância; intencional	Econômica; coercitiva; política; simbólica
2012	Incêndio no Gran Circo Norte-Americano, que vitimou centenas de pessoas	Física; vingativa; intencional – ou apenas física	Simbólica – ou política
2013	Morte de um jornalista vítima da ditadura militar brasileira	Física; vingativa; por circunstância; intencional	Coercitiva; política
2014	História e denúncia ao Hospital psiquiátrico Colônia	Física; psicológica; reativa; por circunstância	Econômica; coercitiva; política; simbólica
2015	Relatos sobre a repressão, tortura e assassinatos cometidos por agentes da ditadura militar	Física; psicológica; vingativa; por circunstância; intencional	Coercitiva; política
2016	Assassinato de um jovem militante político, pelas forças armadas militares	Física; psicológica; vingativa; por circunstância; intencional	Coercitiva; política
2017	Relatos acerca da impunidade de oficiais nazistas da segunda guerra mundial	Física; psicológica	Coercitiva; política

Fonte: Os autores.

Ao observar as temáticas centrais dos romances-reportagens premiados de 2000 a 2017, foi possível identificar as mais recorrentes. A maioria das obras, ou seja, sete delas, apresenta como tema principal a violência cometida contra militantes políticos, ou seja, pessoas que lutavam contra algum sistema de sua época. Em segundo lugar, aparece a violência contra trabalhadores rurais, em quatro das obras. Ademais, é preciso considerar que, nesse segundo caso, também estão inclusos os camponeses que, por sua vez, também atuaram como ativistas em busca de direitos. Dessa forma, os romances-reportagens do período exposto representam, majoritariamente, as ações de crueldade e as relações de dominação, especialmente voltadas a pessoas que lutavam por melhorias do país ou de suas condições de vida.

Quanto ao tipo de violência cometida, 17 são compostas por agressões físicas, enquanto 13 representam as agressões psicológicas, sendo que, essa segunda, normalmente, vem em conjunto com a primeira, à exceção de uma das obras. A violência ‘vingativa’ aparece em 10 dos romances-reportagens, e, em nove, também é exposta a violência ‘por circunstância’, ou seja, quando existe alguma tendência à crueldade pelo contexto onde o sujeito agressor está inserido. É alarmante, também, o número de ações violentas realizadas de forma ‘intencional’: 12 obras representam situações de crueldade que são pensadas como tal, independentemente de outros fatores. Quatro são as vezes em que a violência ‘reativa’ aparece, isso é, aquela violência que teria como objetivo preservar e não destruir, embora o faça. Também em quatro ocasiões fica evidente a violência ‘compensatória’, aquela em que o sujeito agressor busca exercer domínio sobre o outro para provar superioridade, em razão de uma condição anteriormente oprimida. A violência ‘recreativa’ aparece em apenas uma oportunidade. Não elenquei, em nenhuma das obras, a violência por ‘sede de sangue’, porém, não quer dizer que esse tipo de crueldade, que diz respeito ao desejo de destruição, não esteja nas narrativas, apenas não aparece de forma confessa ou explícita.

As relações de violência sempre estão atreladas à dominação, ou seja, há um sujeito dominante e outro dominado. Quanto aos tipos de dominação presentes nos romances-reportagens analisados, 15 dizem respeito à dominação com viés coercitivo, ou seja, autoridades capazes de utilizar da força física e, em seguida, 14 possuem viés político, isso quer dizer que guardam alguma interferência dos poderes de Estado. Já oito narrativas possuem como dominadores o setor econômico, e sete, o simbólico. Como é possível observar na tabela, algumas das obras são compostas por dois, três ou, até mesmo, as quatro formas de dominação. Nenhuma das obras está isenta de relações de dominação, ou seja, a representação da violência nos romances-reportagens desse período perpassa, sempre, pela dominação, comprovando a ideia inicial de que atos de crueldade sempre estão interligados a essa associação violência e dominação.

Além disso, percebe-se que muitas minorias sociais brasileiras estão representadas nas obras. Somente quando se observa a premiada de 2014, por exemplo, *Holocausto brasileiro* (2013), de Daniela Arbex, pode-se compreender a situação enfrentada por diversas pessoas que são postas à margem da sociedade.

Entre os sujeitos, crianças abandonadas, mães solteiras, homossexuais, entre outras tantas figuras excluídas da sociedade por não se encaixarem nas normas tradicionalmente postas. Com pouca comida, praticamente sem roupas, sem nenhuma condição de higienização e convivendo com a dor e a morte, essas personagens reais foram silenciadas por muitos anos, tendo em vista que a verdadeira face do que se dava no hospital de Colônia, em Barbacena, Minas Gerais, não era demonstrada abertamente através de nenhum meio.

Já na obra premiada em 2010, *Conversas de cafetinas*, de Sérgio Maggio, observa-se a representação de mulheres que enfrentam muito preconceito pela vida que levam, e, quando representadas em outros meios, que não o jornalismo literário, muitas vezes aparecem de forma superficial e generalizada. Isso é, por meio de uma narrativa de cunho romanesco, é possível conhecer a identidade de cada uma das mulheres, suas histórias, aquilo que verdadeiramente enfrentam, suas lutas diárias e, a partir dessa representação, entender também como tudo isso se dá com outras tantas.

Os dois exemplos mencionados nos conduzem a reflexão acerca da importância do jornalismo literário na representação desses grupos que são acometidos pela violência, que perpassa pelas relações de poder que também os silencia.

Os resultados encontrados nos permitem reafirmar a ideia de que a violência já é tida como algo comum na sociedade e isso fica evidente ao perceber-se que as violências física e psicológica estão expostas na grande maioria dos romances-reportagens e que fazem parte da vida das personagens representadas. Observa-se, ainda, que para o agressor, há sempre um motivo para a sua crueldade, que, talvez para ele, seja justificável, uma vez que não aparecem, dentre as obras estudadas, a violência cometida por recreação ou simplesmente pelo desejo de destruição. Ou seja, os agressores comentem a violência conscientes de sua relação de poder diante dos que são acometidos por ela.

O levantamento apresentado permite compreender a diversidade da violência que acomete a muitos. A violência é, no Brasil, um fenômeno generalizado e, representar isso, através do jornalismo literário, pode ser considerada uma forma de combate. Isso porque esse tipo de narrativa permite conhecer com maior profundidade as realidades que envolvem a violência e as relações de dominação, diferente do que acontece na mídia tradicional, que, em geral, apresenta noticiários breves sobre agressões, mortes, assaltos e outros, de forma que os indivíduos acabam sendo reduzidos a meros numerais.

Entretanto, conforme Karl Erik Schollhammer (2007), mesmo que haja uma intensa produção artístico-cultural, a problemática da violência continua a exigir soluções novas, e um debate que englobe violência e cultura precisa, antes de tudo, enfrentar o seguinte desafio: “[...] se a violência é a brutal expressão de uma ausência de negociação social, ao mesmo tempo é a demanda impotente de outra forma de simbolização, cuja energia pode ser um poderoso agente nas dinâmicas sociais” (Schollhammer, 2007, p. 51). Com isso, o autor evidencia que a representação da violência, tanto na produção cultural quanto na mídia – e, no caso deste estudo, na combinação de ambas –, precisa ser considerada como um importante agente nas práticas sociais e culturais do país. “Precisamos reconhecer os objetos estéticos da violência na sua relação com o processo geral de simbolização da realidade social, já que participam, de maneira vital e constitutiva, desta mesma realidade” (Schollhammer, 2007, p. 28). Dessa forma, mais uma vez, ficam evidentes as funções primordiais das artes e também do jornalismo.

Uma leitura de *Meu casaco de general*

O contexto de violência, de corrupção, de subornos, de medo, de relações de poder, aliadas aos meandros políticos que envolvem a segurança pública brasileira são questões abordadas por Luiz Eduardo Soares em *Meu casaco de general*: quinhentos dias no front da segurança pública do Rio de Janeiro, publicado no ano 2000 pela Companhia das Letras e premiado em 2002 no Jabuti, categoria 'Reportagem e biografia'. Embora aborde a temática sob a perspectiva de um Estado específico, o Rio de Janeiro, a narrativa conduz à compreensão acerca de violência de um modo global, ou seja, a partir dos exemplos mencionados na obra, é possível compreender como o fenômeno acontece e é tratado no Brasil.

A escolha da discussão dessa obra, para este artigo, considera que o romance-reportagem em questão representa bem o que foi compreendido a partir do mapeamento realizado, tendo em vista que a narrativa trata dos diferentes tipos de violência descritos e, sobretudo, o modo como as relações de poder interferem nesse âmbito.

O livro foi desenvolvido pelo professor, antropólogo e cientista político, Luiz Eduardo Soares, que nasceu em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, em 1954. A narrativa acerca dos 500 dias em que ocupou cargos na Secretaria da Segurança Pública do Rio de Janeiro ocorre a partir de 14 capítulos, além da apresentação, uma introdução e um posfácio. O texto não segue necessariamente uma ordem cronológica dos acontecimentos, considerando que o autor opta por narrá-los à medida que os fatos se correlacionam. Por outro lado, há um fio condutor que mantém a linearidade.

Embora apresente o cenário que marca os anos 2000, *Meu casaco de general* pode ser lido, tendo em conta vários aspectos, como se tratasse do momento atual, o que é, na realidade, uma grande lástima, considerando que isso indica que os problemas da violência que acometiam o país há 20 anos continuam em voga. Além de demonstrar as situações que dizem respeito à soberania do Estado, a obra apresenta e atribui voz aos sujeitos acometidos pela violência, explorando o contexto no qual estão inseridos. Nesse caso, na maioria das vezes, trata-se de moradores das favelas que sofrem em um histórico de agressões e mortes. Muitas das pessoas a quem se dirigem as ações de crueldade são criminosas, procuradas pela polícia, que, por vezes, acabam morrendo em troca de tiroteios, por exemplo, assim como também policiais são mortos dessa forma. Dentre as vítimas, também sujeitos inocentes, inúmeras famílias perdem pessoas com uma frequência assustadora. Por outro lado, há sempre aqueles que defendem a morte de criminosos, justificando uma dita limpeza social.

Já nas primeiras páginas, Soares descreve os momentos em que foi às comunidades mais pobres do Rio de Janeiro para ouvir aquilo que os moradores tinham a dizer, e relata um desses episódios:

Um homem jovem, alto e forte ergueu-se e pediu licença para narrar a noite que representava a síntese de sua vida, como líder comunitário e testemunha da violência: depois da sequência de infâmias e mortes que contemplara impotente, buscou refúgio na associação de moradores; prostrado, derrotado pelo desespero, abatido sob a repetição das atrocidades policiais, consciente de que a cidade amanhecia mais uma vez para sua rotina, indiferente ao teatro de horrores experimentado nas comunidades, abraçou-se ao companheiro que se sentara ao seu lado, em silêncio, cúmplice na impotência e no desespero e, juntos, choraram. A quem recorrer? Com que instrumentos resistir? Contar com que mecanismos? De que instituições? Como ser ouvido? Como merecer atenção e exigir que o poder público controlasse sua máquina de morte, tortura e humilhação? O relato trazia o eco distante da impotência, nas lágrimas que evocavam a dor inscrita na memória. O depoimento compartilhava conosco a tragédia das arbitrariedades policiais, alimentadas por uma política de segurança criminosa, em contexto de insulamento político e desamparo (Soares, 2000, p. 40).

A soberania da relação de dominação está evidente nesse excerto. A situação de vulnerabilidade das pessoas que enfrentam tragédias diárias e não têm a quem recorrer – porque as autoridades que as acolheriam são as mesmas que cometem a violência – invisibiliza os sujeitos, que, por sua vez, ganham voz através de narrativas como essa. A sensibilidade com que o autor descreve os indivíduos e seus temores é bastante evidente, o que torna o discurso empático em relação a essas pessoas, provocando, também no leitor, esse senso de empatia.

A violência atrelada às relações entre as polícias militar e civil, as comunidades que vivem nas favelas, a tirania do tráfico e o engajamento político – ou a falta dele – são as principais questões delineadas pelo antropólogo ao longo de sua narração. Suas pesquisas a respeito do tema levam à defesa da ideia sobre a necessidade de uma reforma nas polícias, do desenvolvimento de projetos que diminuam a problemática da violência e a tese de que, antes mesmo da polícia, o Estado é que se indispõe com a inovação. A realidade

policial é abordada amplamente ao longo do texto que apresenta um panorama sob duas vertentes: existe uma polícia corrupta, que se vale da violência sem escrúpulos, que amedronta e comete crimes brutais, mas existem também aqueles profissionais que almejam por formação, por mudanças, que sofrem pelas ações de seus colegas e que são desvalorizados social e economicamente. Soares (2000, p. 33) revela:

O submundo da corrupção policial tem suas regras. É preciso conhecê-las para combater a corrupção, a brutalidade e o crime nas polícias. Antes de mais nada, é preciso ter sempre presente que há muita gente descente nas polícias. Entre esses, há os que se revoltam com o que veem seus colegas corruptos fazerem e há os que acabam se acostumando aos que veem, encontrando explicações para justificar quase tudo. Há também aquela turma de boa índole, que se deixa levar pelo movimento dominante na corporação a sua volta. E há, finalmente, os criminosos, mesmo estes diferenciando-se bastante, de acordo com uma série de variáveis.

É interessante perceber que sempre há o contraponto no que é dito. Ainda que o autor critique de forma veemente a corrupção que circunda a corporação, também abre espaço para interpretações a respeito da diversidade que faz parte da polícia, buscando a não generalização. E não sobrepõe a culpa dos problemas que circundam esse meio especificamente sobre quem está na linha de frente, analisa o modo como as academias de polícia formam, ainda com dificuldade, policiais, mas não gestores de políticas públicas de segurança, que para ele seria o ideal para aliar ao desempenho policial. Essa preocupação está bastante atrelada com a ideia de respeito aos direitos humanos, isso porque, a partir de uma formação mais voltada às percepções humanísticas, seria possível modificar a forma como o sistema se desenvolvia na época da escrita do livro.

Elmir Jorge Schneider (2016) é policial rodoviário federal e desenvolveu um estudo na área dos Direitos Humanos que vai ao encontro do que está representado na obra de Soares. Schneider aponta problemas relacionados com a violência policial, a partir de um controle do Estado, em que é mantida uma estrutura de poder e exploração. Para o autor, que buscou as origens da atividade policial no Brasil, ao longo dos anos foi criada e reforçada uma imagem da polícia relacionada à brutalidade, violência, arbitrariedade e corrupção. Citando Teresa Pires do Rio Caldeira (2000 apud Schneider, 2016), o pesquisador apresenta a ideia de que o abuso de poder e a tortura, por exemplo, são práticas policiais enraizadas na cultura brasileira, e que nem sempre foram ilegais, além de, muitas vezes, contarem com o apoio da própria população. “Com a intensificação da violência no período do regime militar no Brasil, as ações da polícia podem ser vistas como um total desrespeito aos direitos humanos” (Schneider, 2016, p. 47). No entanto, o autor aponta que, com o término do regime militar, inicia um novo ciclo em que há uma busca pela garantia dos direitos individuais e coletivos, especialmente após a Constituição Federal de 1988. “Apesar de ter diminuído, entretanto, a violência policial não desapareceu após a Constituição Federal de 1988, e a repressão continua sendo usada como forma de controle social [...]”, salienta Schneider (2016, p. 53).

Durante o processo de mapeamento dos romances-reportagens, a obra de Soares foi classificada também a partir dos tipos de violência ali representados, sendo eles: a física, a psicológica, a vingativa, a reativa, a compensatória e a por circunstância. Considerando esse contexto, pode-se afirmar que a violência policial muitas vezes perpassa pela tipologia denominada compensatória, ou seja, para compensar uma impotência diante do mundo ou de suas realidades, os indivíduos agem violentamente, com o intuito, justamente, de exercer domínio sobre o outro, reafirmando sua condição de poder. Todavia, os bons policiais são destacados em diversos momentos da obra, como ocorre na seguinte passagem:

O extraordinário é que, provavelmente, nesse mesmo momento, algum soldado arrisca a vida para cumprir seu dever, honrando a farda que veste, apesar do salário baixo, apesar da imagem deteriorada de sua corporação, a despeito da vergonha que os companheiros corruptos lhe causam e da baixa estima, que lhe cava um buraco na alma e dói mais que a miséria, como uma vez me confessou, emocionado, um sargento de coração generoso e espírito nobre (Soares, 2000, p. 35).

Há, em realidade, um drama vivenciado pelos policiais, que recebem pouco pelo trabalho realizado – e, na época da escrita do livro, muito menos –, além de, em lugares como o Rio de Janeiro, em geral, morarem longe do trabalho e ainda precisarem esconder sua identidade profissional, conforme explica o autor, porque isso pode lhes custar a vida. “Humilhados, negligenciados, condenados a um cotidiano muitas vezes modestíssimo, algumas vezes miserável, os policiais só são lembrados quando faltam, quando erram” (Soares, 2000, p. 121), e isso representa cada vez mais cobrança e pressão.

Também com viés reflexivo, *Meu casaco de general* apresenta muitas comoventes histórias de pessoas que experimentaram as mais diversas formas de crueldade. Conforme exposto, no mapeamento, juntamente

com os tipos de violência representados na obra, também as formas de dominação evidenciadas nessa representação, sendo que todos eles aparecem: econômico, coercitivo, político e simbólico. A fim de demonstrar como essas relações são expressas na obra, foi selecionado o seguinte excerto:

Tragédias desfiaram-se, uma a uma, com toda a crueza de sua brutalidade original. “No dia tal, do mês tal, na frente da minha casa, diante de mim, meu filho, desarmado e inocente, foi morto pela polícia a sangue frio...” “No dia tal, meu sobrinho foi torturado, humilhado e assassinado por policiais conhecidos por extorquir trabalhadores e por plantar flagrantes para receber os benefícios da premiação faroeste”. “No dia tal, meu irmão e minha irmã foram mortos por policiais, diante de mim e de meus pais, que nunca mais se recuperaram...” (Soares, 2000, p. 38).

Esses são trechos de alguns depoimentos descritos pelo autor após uma visita a uma das favelas que buscava desenvolver os diálogos para compreender as realidades. Segundo Soares, tratava-se de testemunhos que vão além da força humana, pela sua terrível carga de verdade. Ainda que resumidos em pequenas frases, já se percebe claramente a presença de pelo menos dois tipos de violência: a física e a psicológica, além da dominação simbólica e coercitiva. Quando o senso comum afirma que o bandido não tem nada a perder, cabe observar, através do exposto no livro, que há famílias que perdem, quando são acometidas pela brutal tortura de presenciar o assassinato de um filho, um pai, sobrinho, ou quem quer que seja, que lhes é próximo.

Soares denuncia e demonstra, através de seu texto, o modo como muitas pessoas são mortas sem sequer existir a certeza de seu envolvimento com a criminalidade e, a partir disso, como os policiais articulam a elaboração de falsas provas para justificar os crimes. Quando isso ocorre, não é incomum surgirem manifestações das comunidades, que normalmente geram novos conflitos, novas mortes e, novamente, uma abordagem midiática que oculta parte dos fatos.

Uma dessas histórias aconteceu na favela do Pereirão, em que policiais mataram o líder do tráfico local, Claudio Passos da Rocha, junto com outros dois, sendo um deles André Luiz de Oliveira Perpétuo, de 21 anos, conhecido pela comunidade como honesto e trabalhador, também por seu histórico como ex-soldado do exército.

Portuguesinho soube que policiais estavam achacando moradores, na entrada da favela e decidiu tratar diretamente do assunto com eles, dado que tinham um acordo que lhe custava caro: ele pagava determinada importância à polícia, que retribuía fazendo vista grossa ao funcionamento da ‘boca’ – de venda de drogas – e comprometendo-se a não achacar os moradores da comunidade. O traficante foi tomar satisfação, já que havia denúncias de que o pacto estaria sendo rompido. Obrigou André Luiz, que nada tinha a ver com os bandidos da polícia ou do tráfico, a dar-lhe uma carona em sua moto. Foi recebido a bala. Com Portuguesinho, morreram um sócio seu e o rapaz inocente que o transportava. A comunidade viu a execução. A comoção foi geral. A família de André desesperou-se. A mãe ficou em estado de choque durante vários dias. De seu gabinete, o coronel secretário prestou a seguinte declaração à imprensa: “Menos um sequestrador no Rio. Foi um presente de Natal para muita gente” (JB, 29 de dezembro, 1998) (Soares, 2000, p. 68, grifo do autor).

A partir desse trecho, é evidente a presença de diversos tipos de violência, a física, por obviedade; a psicológica, quando lê-se que ‘policiais estavam achacando moradores’ e, ainda mais, ao verificar a violência psicológica cometida com toda a comunidade que presenciou o crime de perto; além da vingativa, em razão das mortes ocorrerem por acordos que foram quebrados; a compensatória, ao refletir subliminarmente acerca dos comportamentos violentos que são desenvolvidos para demonstrar o poder de dominação sobre o outro; e também aquela por circunstância, uma vez que os policiais poderiam temer ser assassinados e estavam, em sua interpretação, exercendo sua função. Ainda para categorizar o que indica nesse trecho, percebe-se a dominação coercitiva, a política e a simbólica, principalmente. Observa-se, ainda, que está evidente o ciclo da troca de posicionamento de poderes, posto que, em ‘o traficante foi tomar satisfação’, observa-se uma inversão de quem detém a dominação naquele momento, considerando a força policial em contraponto à do tráfico.

A dominação, através do poder, está em tudo, até mesmo em um simples ato de fala. Contudo, é notório que, quando as minorias sociais são acometidas pela violência, as relações de dominação são ainda mais palpáveis. Há sempre a defesa do outro lado, uma justificativa, uma forma de exercer o poder e diminuir ainda mais aqueles que já são socialmente excluídos e/ou marginalizados.

Considerações finais

Entende-se que as dez obras estudadas, que representam diversas faces da violência, atribuindo identidade aos sujeitos, possuem sua quota de contribuição para a reflexão social. Não se pretende diminuir

a importância do noticiário cotidiano e do imediatismo cada vez mais exigido, inclusive pelo público, mas, por outro lado, compreende-se que a criticidade em torno do tema se estabelece de maneira mais profícua quando há mais tempo e espaço para desenvolver as informações, como ocorre nos romances-reportagens estudados. A escrita da reportagem permite a ampliação não somente do número de palavras e de informações a serem utilizadas, mas, muito além disso, de diferentes formas de escrita, que relacionam um conteúdo a outro e permitem o acréscimo de conhecimento e de senso crítico.

Sendo assim, o jornalismo literário, no período observado, consegue abarcar e representar diversas faces da violência brasileira, demonstrando diferentes formas com que os sujeitos são acometidos pela crueldade, o que pode promover um senso de empatia com relação às vítimas. Além disso, explicita a existência das relações de poder que fazem parte desse contexto, permitindo observar que as minorias sociais, que estão à margem, são justamente os indivíduos que mais enfrentam as questões relatadas.

Meu casaco de general (2000) exemplifica bem as conclusões acima apresentadas, pois trata-se de uma obra que representa, de forma consistente e detalhada, diversas faces da violência no Rio de Janeiro e o faz de forma que é possível interpretar como esse fenômeno acontece no Brasil, de uma maneira geral. A partir das relações de poder que envolvem a política, as polícias, os traficantes, a comunidade moradora das favelas e a população em geral, o romance-reportagem de Soares provoca reflexão, sobretudo, associada ao sentimento de aversão ao modo como a violência se sobressai no território brasileiro, que por muitas vezes ignora as possíveis soluções em detrimento de objetivos esvaziados de sentido social.

A representação dessa realidade, através da obra, denota a importância do debate social e da reflexão em torno da violência, não somente enquanto um fenômeno, mas, principalmente, na tentativa de compreender o contexto que é precedido dela.

Referências

- Amorim, C. (2010). *Assalto ao poder: o crime organizado*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Arbex, D. (2013). *Holocausto brasileiro*. São Paulo, SP: Geração Editorial.
- Arbex, D. (2015). *Cova 312*. São Paulo, SP: Geração Editorial.
- Arendt, H. (1985). *Da violência*. Brasília, DF: UnB.
- Barcellos, C. (2003). *Abusado: o dono do morro Dona Marta*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Bastos, A., Cabral, A. M., & Rezende, J. (2010). *Ontologia da violência: o enigma da crueldade*. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X.
- Cartaxo, C. (1999). *A família Canuto e a luta camponesa na Amazônia*. Belém, PA: EDUFPA/ Livroarte.
- Cavalcanti, K. (2004). *Viúvas da terra*. São Paulo, SP: Planeta.
- Cavalcanti, K. (2006). *O nome da morte*. São Paulo, SP: Planeta.
- Cunha, L. C. (2008). *Operação Condor: o sequestro dos uruguaios: uma reportagem dos tempos da ditadura*. Porto Alegre, RS: L&PM.
- Dantas, A. (2012). *As duas guerras de Vlado Herzog: da perseguição nazista na Europa à morte sob tortura no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Foucault, M. (2002). *Ditos e escritos II*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2012). *Microfísica do poder* (25a ed.). São Paulo, SP: Graal.
- Ginzburg, J. (2013). *Literatura, violência e melancolia*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Godoy, M. (2014). *A casa da vovó: uma biografia do Doi-Codi (1969-1991), o centro de sequestro, tortura e morte da ditadura militar*. São Paulo, SP: Alameda Casa Editorial.
- Guterman, M. (2016). *Nazistas entre nós: a trajetória dos oficiais de Hitler depois da guerra*. São Paulo, SP: Contexto.
- Maggio, S. *Conversas de cafetinas*. Porto Alegre, RS: Arquipélago Editorial.
- Mello, L. (2002). *Eny e o grande bordel brasileiro*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Morais, T., & Silva, E. (2005). *Operação Araguaia: arquivos secretos da guerrilha*. São Paulo, SP: Geração Editorial.
- Nepomuceno, E. (2007). *O massacre: Eldorado dos Carajás: uma história de impunidade*. São Paulo, SP: Planeta.

- Prêmio Jabuti. *Premiados por edição*. São Paulo, 2018. Recuperado de <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao>
- Schneider, E. J. (2016). *Direitos humanos, atuação policial e violência*. Ijuí, RS: Unijuí.
- Schollhammer, K. E. (2007). Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 1(29), 27-53.
- Soares, L. E. (2000). *Meu casaco de general*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Thompson, J. B. (2014). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia* (15a ed., W. O. Brandão, Trad., L. Avritzer, Rev. da Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Varella, D. (1999). *Estação Carandiru*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Ventura, M. (2011). *O espetáculo mais triste da Terra*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Žižek, S. (2014). *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo, SP: Boitempo.